

# "Banco biogenético está sob ameaça

A implantação em Manaus do Instituto de Ecologia Química Tropical, financiado pelo Ministério da Indústria do Japão e pela New Energy and Industrial Technology Development Organization, está gerando suspeitas de que possa ocorrer a institucionalização da apropriação de materiais do banco biogenético da Amazônia, sem o reconhecimento das patentes aos povos da região.

O anúncio de instalação do instituto foi feito ontem pelo secretário do Ministério do Meio Ambiente, José Seixas Lourenço, em Brasília, em entrevista à Rede Amazônica de Televisão.

O primeiro cientista a questionar a criação do Instituto de Ecologia em Manaus, para recolher dados farmacológicos de índios e caboclos, foi o pesquisador da Universidade do Amazonas Frederico Arruda, conhecido por denunciar o contrabando de materiais biogenéticos da região por países do Primeiro Mundo.

"É muito estranho que, mais uma vez, uma instituição seja criada nos

gabinetes de Brasília sem que pesquisadores, índios e caboclos principalmente, sejam ouvidos sobre o assunto", ressalta Arruda, alertando para o fato de que o instituto pode decretar o que ele classifica de "biopirataria", já existente na Amazônia.

Ele afirma, ainda, que o projeto original de criar um laboratório interdisciplinar ao estudo da Ecologia Química Tropical, de caráter internacio-

nal, foi formulado pelos pesquisadores paulistas Antônio Camargo e Tetsuo Yamane. Na visão do cientista, a idéia de reunir num workshop, em janeiro último, os principais interessados no projeto, foi deixada de lado pelo Ministério do Meio Ambiente, que se decidiu pela implantação imediata da instituição.

Arruda diz ter certeza de que o instituto será criado em Manaus sim-

plesmente porque o Amazonas conserva a maioria das nações indígenas capazes de fornecer informações farmacológicas que possam resultar em novas drogas. O cientista chega a propor que os índios e caboclos passem a fazer um voto de silêncio diante desse instituto para evitar que novos materiais preciosos do banco biogenético amazônico sejam usurpados da região.

## Plantas medicinais são mais visadas

É longa a lista de plantas medicinais, plásmas e ervas nativas usurpadas ao longo dos anos na Amazônia, a começar pela borracha extraída da seringueira (*hevea brasiliensis*). A "seringa" revestiu as rodas dos carros e fios dos cabos de eletricidade, impulsionando na Europa e Estados Unidos a nascente revolução industrial.

O veneno usado nas pontas das lanças e flechas indígenas, conhecido como "curare", também serviu para o desenvolvimento de relaxantes musculares essenciais a anestesia. O jamborandi amazônico virou droga contra o glaucoma e, mais recentemente, no início desta década, as secreções das rãs peçonhentas do Vale do Javari, passaram a ser

transformadas em dezenas de analgésicos pela grande indústria farmacêutica mundial.

As secreções são utilizadas pelos índios mathis e maiorunas, do Alto Javari, e teriam sido contrabandeadas por pesquisadores peruanos e brasileiros que atuavam naquela região, a serviço de laboratórios americanos.

162/3/97  
BP AR 0017  
A crítica

AS